

O antes e o depois



» SÉRGIO MORICONI
Professor e crítico de cinema

Ontem, a cidade amanheceu cinza e triste. Não era o fenômeno atmosférico comum à nossa chuvosa estação primaveril. Vladimir Carvalho havia falecido na madrugada deste 24 de outubro, depois de sofrer um infarte havia duas semanas. Alguns dias antes, experimentou uma das grandes alegrias de sua vida ao tomar conhecimento de que a sua Fundação Cinememória podia ser finalmente abrigada num dos espaços do Centro Cultural Banco do Brasil, o CCBB. Era uma luta solitária de décadas. Esse regozijo, quase júbilo, está documentado na entrevista que deu para a jornalista Márcia Zarur, momentos antes de sentir uma forte indisposição e ser, então, encaminhado para um hospital. Alegria e dor, paradoxo funesto. Ninguém de sua convivência entrevista o que estava para acontecer. Dinâmico, lúcido, saúde de ferro, Vladimir era o esteio, um dos dinamos da atividade cinematográfica em Brasília.

Cineasta, militante, o realizador de *O país de São Saruê*, clássico incontornável do documentário brasileiro, era reconhecido aqui no país e fora dele como um dos grandes do cinema de não ficção. *The social documentary in latin america*, editado por Julianne Burton para a Universidade de Pittsburgh, dedica a ele generosas páginas num capítulo escrito por Jean-Claude Bernardet. Aqui cabe a pergunta: o que seria do cinema de Brasília sem a presença de Vladimir Carvalho? Talvez, seja impossível dizer, mas o fato é que ele, por meio de sua atuação política na ADB-DF e de outras entidades, criou muitas das bases que estão na origem das estruturas que proporcionaram e ainda

proporcionam a produção de cinema na capital. Criação de cotas regionais, editais regionais e nacionais foram conquistas inauditas, especialmente se levamos em conta as condições políticas adversas. Era o tempo das ditaduras militares, vocês se lembram, não é mesmo?

Vladimir soube navegar nessa soturna e turbulenta circunstância histórica para construir uma das mais sólidas cinematografias do cinema documental. Isso desde o início, quando faz parte da equipe de *Aruanda*, de Linduarte Noronha, curta seminal que inaugura o documentário brasileiro moderno (e maduro), citado por Glauber Rocha como uma de suas influências e referência para a eclosão do Cinema Novo. Vale assinalar que o nome de Carvalho está nos créditos do filme de forma insatisfatória, não fazendo jus à importância que teve para a construção da narrativa da obra. Mas isso é outra história. Com o singelo e belo *Romeiros da guia*, de 1960, faz sua estreia na direção; depois, em 67, com *A bolandeira*, ambos com um quê da pureza poética do cinema de Humberto Mauro, reafirma e refina seu estilo dos primeiros tempos. *A bolandeira* traz Vladimir para Brasília, primeiro como um dos participantes do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, depois, por circunstâncias rocambolescas, como professor de Cinema da Universidade de Brasília (UnB).

Paraibano, o realizador de longas como *O engenho de Zé Lins* (2007), *O homem de areia* (1982), *O evangelho segundo Teotônio* (1984) e *Cícero Dias – A compadre de Picasso* (2016) não nega suas raízes culturais, muito menos suas convicções políticas de esquerda. Mas é principalmente aos desvalidos, explorados

e deserdados da sorte que Vladimir consagra uma boa parte de sua obra. Os desfavorecidos e esquecidos estão também presentes nos filmes de sua “fase” brasiliense, vide *Conterrâneos velhos de guerra* (1991). Mas há também um orgulho na cultura da região do Centro-Oeste, que chamava de “um sertão molhado”, e do Entorno de Brasília, como atestam *Quilombo* (1975) e *Mutirão* (1976). O seu olhar “realista” nunca é reducionista. Apesar de crítico em relação à exploração do homem pelo homem — aludindo aqui a um viés marxista —, esse seu “realismo” vem sempre acompanhado de um sopro lírico, como definiu certa vez David Neves.

E é isso mesmo. Às vezes, sua obra toma uma direção desconcertante, como quando resolveu fazer *Rock Brasília — Era de ouro* (2011), ele, de uma geração inteiramente distinta. Vladimir tinha, e teve, a capacidade mágica de fazer entrever — por meio da continuidade regular de sua produção — o pioneiro e revolucionário curso de cinema da UnB idealizado por Darcy Ribeiro e levado adiante por Paulo Emílio Salles Gomes, Lucila e Jean-Claude Bernardet. Uma segunda de suas capacidades mágicas era ser admirado e querido por todas as gerações que o seguiram. Assim como os Beatles. Vladimir nos deixou. Não, Vladimir não nos deixou. Quem viver verá. Cito as palavras de Alberto Moravia no funeral de Pier Paolo Pasolini ao se referir à obra do diretor italiano que chamou de um realismo arquetípico, ao mesmo tempo gentil e misterioso, portanto, a-histórico.

Vladimir Vorochenko dos Santos

» LILIA LUSTOSA
Historiadora e crítica de cinema, doutora em história e estética do cinema

Cidade do México, 24 de outubro de 2024. Acordei com a notícia da morte de Vladimir Carvalho. Imediatamente, senti a facada no peito. Aquela dor funda bem no lado esquerdo da gente. Ou seria no meio? Não importa, mas aquela dor tipo soco que nos toma de surpresa quando algo nos toca verdadeiramente.

Imediatamente, comeci a pensar nos poucos encontros que tivemos, quer tenha sido de pura tieta-gem, como no Festival de Brasília, ou em ocasiões mais profissionais — ou acadêmicas — em que tive o privilégio de entrevistá-lo para minha tese de doutorado. Como objeto de estudo, eu usava uma de suas obras, *Aruanda* (1960), curta-metragem seminal do Cinema Novo, cuja autoria (de roteiro) havia sido tantas vezes questionada. Isso porque o diretor paraibano Linduarte Noronha não queria reconhecer a participação de Vladimir Carvalho e de João Ramiro Mello na concepção do roteiro. Mal sabia ele que seu colega dos tempos de cineclubes, seu conterrâneo velho de guerra, iria conservar o roteiro original do filme, conservando-o orgulhosamente em seu Cinememória, espaço criado por ele, na W3 Sul, para salvaguardar a memória do cinema brasileiro. Uma verdadeira pérola para uma historiadora do cinema como eu.

Como minha pesquisa se arrastou por vários anos, tive a oportunidade (e a sorte) de entrevistar Vladimir por duas vezes. Foram dois encontros longos. Entrevistas que logo se transformavam em bate-papos daqueles bem gostosos que a gente tem com velhos amigos. Encontros dos quais a gente não tem vontade de ir embora. Com ele, era assim. Sua fala-abraço e seu jeitinho tão nordestino de receber bem faziam o gelo se quebrar muito rapidamente. A distância entre mestre e aluno logo desaparecia. Ele tinha o dom de nos fazer sentir iguais, dotados de mesmo valor, do valor de ser simplesmente gente. Com fraquezas e fortalezas, defeitos e qualidades, mas, acima de tudo, gente com histórias e sentimentos legítimos.

Vladimir Carvalho — ou Vorochenko, como era seu apelido entre os camaradas do cinema, em função de sua posição política de esquerda — era um cara simples, talentoso, dono de uma humildade cativante. Adotou Brasília como sua morada, mas nunca esqueceu os nordestinos que lutavam (e lutam até hoje) em dobro para se fazerem escutados. Não à toa, fez filmes como *Conterrâneos velhos de guerra* (1992), em que narra a saga dos nordestinos que vieram construir a capital federal com o sonho de uma vida melhor. Muitos dos quais acabaram morrendo em função das péssimas condições de trabalho que encontravam. Alguns tendo sido até mesmo enterrados nos próprios monumentos que embelezam nossa cidade. Dessa maneira, o resto do Brasil não ficava sabendo das atrocidades lá cometidas... Um horror! Em seu filme, o cineasta ousou questionar Niemeyer sobre esse fato e, posso garantir, o arquiteto não ficou nada contente.

Mas Vorochenko era assim. Acreditava em seus propósitos, em sua essência, era um homem do bem, de ideais e de coragem, muito embora ele tenha me confessado que não era lá tão corajoso. Contou que, quando estava trabalhando como assistente de Eduardo Coutinho em Cabra marcado para morrer (1964-84), lá nos idos de 1964, fugiu e se escondeu quando os militares vieram recolher os equipamentos da equipe e impedir a rotação do filme. Depois de ter encontrado um lugar seguro para Dona Elizabeth Teixeira — esposa do líder camponês assassinado João Pedro Teixeira —, fugiu, se escondeu em uma fazenda perto de Campina Grande, adotou novo nome e criou uma nova vida. Virou santerito! Isso mesmo, Vorochenko virou Seu Zé dos Santos, entalhando santos para a comunidade ali do entorno e mostrando que a flexibilidade e a capacidade de adaptar-se eram também alguns de seus tantos talentos.

Talento que fica evidente quando analisamos sua relação com Brasília, cidade que transformou em lar ainda nos anos de 1960. O cineasta adaptou-se tão bem à nova capital federal que acabou por se tornar um de seus símbolos, uma figura indissociável ao cinema feito no Cerrado. Dominou pelo chifre a luz forte daquele planalto central — luz “rascante”, como ele dizia — e realizou vários documentários sobre a história de Brasília. Além do já citado *Conterrâneos velhos de guerra*, fez *Barra 68 — Sem perder a ternura* (2001), sobre as agressões sofridas por estudantes e docentes na Universidade de Brasília (UnB), em 1968. Fez *Rock Brasília — A era de ouro* (2011), sobre as tantas bandas de rock surgidas na capital federal. Ou ainda o precioso curta *Vestibular 70* (1970), codirigido por Fernando Duarte, um dos mais emblemáticos diretores de fotografia do Cinema Novo e que foi o responsável pelo ingresso de Vladimir na UnB como professor, atividade que exerceu por longos anos, para a sorte dos alunos.

Desde seu primeiro documentário *Romeiros da guia* (1962), passando por seu excelente *País de São Saruê* (1971) até seu mais recente *Cícero Dias, o compadre de Picasso* (2016), vencedor dos prêmios de Melhor Roteiro e Melhor Direção no Festival de Brasília, Vladimir Carvalho Vorochenko foi um guerreiro! Batalhou, filme a filme, para conseguir realizar cada uma de suas produções. Nunca fez parte de panelinhas e, portanto, não costumava receber benefícios “gratuitamente”. Foi um homem de palavra, de roteiros, de imagens, de som e de luz. Sem dúvida alguma, um ser iluminado que agora vai alumiar outras paragens. Vá em paz, meu querido! Nosso cineclubes hoje fica órfão, mas prometemos seguir adiante honrando seu nome e seu legado.

Nosso companheiro velho de guerra pede passagem

» DÁCIA IBIAPINA DE SOUSA
Cineasta, ex-diretora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB) e professora aposentada da UnB

Distrito Federal, sem a presença otimista e luminosa de Vladimir Carvalho, já não é o mesmo. O dia 24 de outubro de 2024 é um dia para ver e rever os filmes de Vladimir Carvalho, especialmente *O país de São Saruê* e *Conterrâneos velhos de guerra*. São meus preferidos. Este último é um filme monumental sobre a construção da cidade monumental, Brasília. Vladimir dizia que, nesse filme, ele conseguiu juntar Nordeste e Centro-Oeste. Do Nordeste, vieram muitos trabalhadores para construir Brasília, e veio ele próprio com o seu cinema; e o Centro-Oeste, este já estava aqui, onde JK resolveu construir a nova capital.

Além dos filmes, Vladimir Carvalho criou a Fundação Cinememória, no início da W3 Sul. Uma casinha em que guardava a memória do seu cinema, do cinema brasiliense, do cinema da UnB, do cinema brasileiro. Vladimir viveu 89 anos. Faria 90 anos daqui a poucos meses. Nasceu em 31 de janeiro de 1935, ano da Intenção Comunista, ele fazia questão de dizer. Era comunista, como seu pai, figura marcante em sua vida. Aliás, a vida de Vladimir foi marcada por muitas pessoas importantes e por muitas obsessões. Melhor não tentar elencar. Ele já não está mais nessa dimensão para confirmar.

Tive a oportunidade de fazer um filme documental sobre Vladimir Carvalho. É um DocTV, de 2004. Quando o abordei com a ideia de

fazer um filme sobre ele, ele me pediu um tempo. Depois, concordou. Disse a mim que já tinha incomodado muita gente por causa de filmes documentários e que agora, na vez dele, não podia arregar.

Partimos então para fazer o filme. É uma longa história que não cabe contar aqui, justamente no dia em que nos despedimos de Vladimir. Prefiro compartilhar algumas imagens que povoam meu imaginário neste momento. Uma delas, Vladimir teimando comigo em João Pessoa. Não queria me levar à casa de Dona Elizabeth Teixeira em um bairro popular da capital paraibana. Acabou cedendo, em um dia em que nossa pauta caiu. Lembro-me da alegria de Dona Elizabeth Teixeira ao ver Vladimir Carvalho em sua casa. Ela contou que, após o 31 de março de 1964, dia do golpe civil-militar, Vladimir ficou encarregado de retirá-la em segurança do Engenho Galiléia, de Francisco Julião, líder das Ligas Camponesas.

Na ocasião, no Engenho Galiléia, Eduardo Coutinho estava filmando Cabra marcado para morrer. Vladimir ficou encarregado de proteger Dona Elizabeth Teixeira para que ela não fosse presa pelas tropas mobilizadas pelo golpe. Ela conta que, posteriormente, Vladimir resolveu disfarçá-la de prostituta para levá-la para um local seguro, na casa de um familiar na periferia de João Pessoa. Ela vestiu um vestido de chita, fez cabelo e maquiagem, para que pudesse

ser confundida com uma “mulher alegre”. Essas imagens estão no DocTV *Vladimir Carvalho: conterrâneo velho de guerra*. Tenho muito orgulho de tê-las feito com nossa equipe. Aqui se nota o pudor. Nem Vladimir nem Dona Elizabeth pronunciaram a palavra prostituta. Preferiram “mulher alegre”.

Lembro-me também de nós, em João Pessoa, comendo rubacão em um restaurante no dia do aniversário de Vladimir. Ele estava feliz degustando aquele rubacão paraibano no bairro em que morou com sua família em João Pessoa. Não vou dar a receita. Tem várias na web.

Finalmente, Vladimir não gostou do título de meu documentário sobre ele — *Vladimir Carvalho: conterrâneo velho de guerra*. Não lhe parecia razoável. Confundia, segundo ele, meu documentário com o dele, o clássico *Conterrâneos velhos de guerra*. Essa pendenga, vamos resolver futuramente, em outra dimensão.

E, para encerrar, em nosso DocTV, tem umas imagens de Vladimir Carvalho em Itabaiana, Paraíba, cidade onde nasceu, na linha do trem, que, em 2004, estava praticamente desativada. A linha do trem passava no meio da feira de Itabaiana. Umas crianças, montadas a cavalo, seguiam por ela enquanto a gente filmava. Vladimir, para fazer graça, abre os braços e o sorriso e segue pela linha do trem, como se fosse uma daquelas crianças. Para mim, essa é a imagem da despedida de Vladimir Carvalho.